

Apresentação: Totalitarismo, Democracia e Populismo na América Latina

Franz Josef Brüseke¹

Carlos Eduardo Sell²

A América Latina, que despontava no limiar do século XXI com uma grande esperança de desenvolvimento econômico e democratização política, encontra-se hoje profundamente dividida, com fortes sinais de retrocesso. A ressurgência da tradição populista, tanto no seu aspecto político carismático autoritário, quanto na sua dimensão econômica centralista e estatista, presente de diferentes formas e intensidades nas diversas regiões e países, coloca um desafio para as vertentes teóricas hoje hegemônicas no campo da ciência política e da sociologia. Atualmente, a compreensão crítica deste processo ficou dificultada porque a narrativa predominante na ciência política apostou de forma excessivamente otimista na consolidação das instituições políticas convencionais, ignorando os novos e velhos entraves deste processo. Por outro lado, o tema da democracia, bem como a temática do populismo, também se acham silenciadas por teorizações que, com um viés abertamente ideológico (pós-neoliberalismo), propugnam a apologia e a legitimação destes regimes.

Diante deste cenário, a **Revista Tomo** apresenta um dossiê que busca refletir, tanto teórica quanto empiricamente, sobre os regimes políticos da América Latina à luz dos conceitos de *totalitarismo*, *democracia* e *populismo*. O que se buscou são trabalhos da sociologia e da ciência política que, levando em consideração a peculiaridade da América Latina no quadro da modernidade, captem as dinâmicas sociais e políticas em curso, descrevendo os desafios institucionais que atravessam as culturas e sociedades deste continente.

¹ Universidade Federal de Sergipe, pesquisador do CNPq.

² Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisador do CNPq.

Na sua contribuição para esta reflexão, Carlos Eduardo Sell convida para reconsiderar um conceito frequentemente empregado quando se trata de analisar América Latina, o populismo. Apesar da recorrência e persistência do fenômeno do populismo na América Latina, a discussão sobre esta categoria tem estado ausente do centro das atuais análises acadêmicas feitas no Brasil. Indo além das análises clássicas que, a partir do enfoque nas classes, priorizam, de forma unilateral, seus componentes estruturais, o artigo revisa o debate sobre o carisma na teoria política de linha weberiana, propondo definir o populismo como um subtipo da dominação carismática.

Por este ângulo, enfatiza-se a dimensão especificamente política do populismo, apontando o caráter carismático necessariamente presente na relação emocional entre líder e povo. Com base nesta premissa, sugere-se ainda um modelo para a compreensão do populismo segundo os diferentes níveis de manifestação do fenômeno: sociocultural (histórico-latente), institucional (tipo de regime) e psicossocial (estilo de liderança).

Descendo da reflexão teórica para a história real, vivida como ator e testemunho, Héctor Leis toma como material de análise suas próprias memórias e reflete no seu artigo sobre os vínculos analíticos e empíricos entre os fenômenos da revolução, da guerrilha e do terrorismo. A análise das práticas e de concepções de grupos guerrilheiros urbanos da América Latina, em especial dos Montoneros, na Argentina, mostra que o terrorismo estava no centro das estratégias políticas deste grupo desde o seu início. Ao final, rejeita-se o dualismo entre práticas terroristas advindas da sociedade civil ou do Estado e que penaliza apenas este segundo segmento, argumentando-se que ambas foram exercidas contra o conjunto da Comunidade Política. Por esta razão, todos aqueles que colaboraram de uma ou outra maneira se converteram em cúmplices, na avaliação do autor.

Daniel Chaves de Brito continua com a reflexão sobre a violência, desta vez do ângulo brasileiro, e analisa de um lado a formação do sistema brasileiro de justiça criminal, principalmente as polícias, como elemento importante da estabilização da ordem, tendo por base o longo predomínio do autoritarismo e do populismo, que delineiam os instrumentos estatais de controle social e marcam profundamente a formação da cidadania. Por outro, tenta refletir sobre as políticas de segurança pública e perspectiva da democracia, mostrando uma impermeabilidade ao processo de modernização no que tange à absorção dos princípios da racionalidade impessoal. Apresenta-se em primeiro lugar uma análise histórica entre o processo de modernização, a formação da cidadania e o instrumento da violência como mediação legal entre a sociedade e o Estado. Em segundo, destaca-se uma relação entre as concepções teóricas do policiamento e suas ambiguidades na concepção dos planos de segurança pública.

Bolívar Lamounier contribui com um texto escrito no calor dos debates sobre as manifestações de Junho de 2013 e delineia três correntes de pensamento que permeiam o debate público brasileiro: as utopias da intervenção militar, da democracia ‘direta’ e a de uma democracia representativa, fortemente idealizada. Não poderiam faltar, no final, algumas considerações de ordem geral sobre a reforma política e o sistema eleitoral no Brasil.

Para dar sustentação macro-sociológica a um dossiê tão rico em perspectivas divergentes, convida Franz Josef Brüseke a um debate acerca do “projeto de melhorar o homem”, que tende em tempos da modernização técnica a contribuir de forma bem particular para processos totalitários.

